

Ordem Nacional do Mérito

Perfil de Aurina Oliveira Santana

Aurina Oliveira Santana foi aluna da Escola Técnica Federal da Bahia, hoje Instituto Federal, de 1971 a 1973, e estagiária em 1974. Natural de Salvador, assumiu como docente a partir de 1975. Foi eleita Diretora do Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) da Bahia por três vezes consecutivas. Desde 2006, é reitora da instituição onde estudou, sendo a primeira mulher negra a assumir essa função. Reconhecida pela comunidade do Instituto Federal da Bahia, foi reeleita para o cargo pelo período de 2010-2014 com mais de 70% dos votos.

Graduou-se em licenciatura em administração de sistema educacional pela Universidade do Estado da Bahia, em 1978, atuou como professora de primeiro e segundo grau do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e coordenadora do curso de eletrotécnica.

Liderança natural em todos os campi do instituto, com personalidade integradora, congrega todos os segmentos da instituição, que em sua gestão abriu seis novos *campi*. Destaca-se pelo apoio conquistado em todas as esferas da administração pública municipal, estadual e federal, apoio este que levou o Instituto Federal da Bahia a se destacar nacionalmente.

Aurina faz parte, ainda, do Conselho Superior do Centro de Educação Federal Tecnológico, além de ser conselheira do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

Perfil de Diomar das Graças Motta

Natural de São Luis, Diomar das Graças Motta formou-se professora normalista pelo Instituto de Educação do Maranhão em 1960. Ela contabiliza 56 anos de magistério, em diversos níveis de ensino.

Graduou-se pedagoga pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), formou-se mestra em educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro, e recebeu o título de doutora em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Diomar foi professora de prática de ensino no curso normal do município de Bacabal (MA), supervisora de ensino pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais da Universidade de São Paulo (CRPE-USP), atuando nos municípios de Bacabal e São Luiz Gonzaga (MA), diretora do Grupo Escolar Ana Adelaide Belo, em São Luis.

Publicou diversos trabalhos, abordando especialmente temas ligados a história da educação e história das mulheres, em âmbito local, nacional e internacional. Atualmente é professora adjunta da UFMA. Também é professora do curso de pedagogia do programa de pós-graduação em educação e do programa de saúde materno-infantil da UFMA.

Perfil de Gilda Kuitá

Em 1972, aos 16 anos, Gilda Kuitá foi uma das primeiras 19 indígenas a aprender a forma escrita do idioma caingangue. Codificada por uma linguista alemã, a língua caingangue era apenas oral até então. Em 1974, Gilda começou a alfabetizar indígenas no idioma materno em sua comunidade, na Terra Indígena de Apucaroinha, no município de Londrina, no Paraná. Passados 39 anos, sua atuação como professora e defensora do idioma renderá a ela uma condecoração que demonstra a gratidão também dos “povos brancos”, como ela diz. Gilda será uma dos dez educadores brasileiros a receber a ordem do mérito nacional, em solenidade no Palácio do Planalto na próxima sexta-feira, 18, pela presidente da República, Dilma Rousseff.

Mais de 30 mil caingangues, espalhados em comunidades no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, vivem hoje no Brasil. Em estados reconhecidamente “brancos”, a militância indígena foi, segundo a educadora, ainda mais importante. “Aqui no sul a população indígena foi muito massacrada. Isso fez os indígenas do sul do país ainda mais desacreditados”, conta Gilda, que enfrentou resistências, mesmo entre educadores, para alfabetizar no idioma caingangue.

Apesar dos avanços na educação escolar indígena, como, por exemplo, a orientação do Ministério da Educação para que a alfabetização seja feita em idioma materno, a educadora continua apontando necessidades. “A produção de material didático específico ainda é escassa. Os livros

precisam ser contextualizados à realidade indígena”, argumenta. Aos 55 anos, condecorada pela Presidência da República, Gilda aponta sua principal conquista: “Alfabetizar no meu idioma”, relata.

Perfil de Maria Auxiliadora de Oliveira

Professora há 25 anos, Maria Auxiliadora de Oliveira, de Várzea Grande (MT), se dedica a ações voltadas à educação infantil. Em casa, o apoio da mãe, que a incentivou a cursar pedagogia, e de três irmãs professoras, transforma os almoços de família em debates sobre modelos, projetos e formas de ensino.

Ela é autora de diversos projetos premiados nacionalmente. O projeto *Estou aqui!*, sobre a identidade da criança, foi agraciado com o Qualidade na Educação Infantil. Já o trabalho *Cor & Som. Há Vida Em Suas Mãos* resultou na produção dos livros *Mundo Mágico* e *Cor & Som*, e de um DVD com as atividades realizadas pelas crianças, resultou no Prêmio Nacional Professores do Brasil, em 2007.

Maria Auxiliadora aposta na realização de projetos como forma de integrar pais, alunos e comunidade escolar. Para a professora, os projetos ajudam as crianças a desenvolver o senso crítico e ter opiniões próprias. Com a integração, as próprias crianças começam a propor atividades.

A chave para o sucesso desse tipo de abordagem, segundo a professora, é associar atividades que prendam a atenção das crianças, como brincadeiras, danças e jogos, ao processo de aprendizado.

Perfil de Maria de Fátima Libanio da Silva

Maria de Fátima Libanio da Silva, a Bia, nascida em Itamarati e criada em Carauri, cidades amazonenses próximas à divisa com o Acre, formou-se pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e é pós-graduada em gestão escolar. Participou da coordenadoria de educação do estado e atualmente é diretora da Escola Estadual Dom Bosco, em Eirunepé, também no Amazonas.

Como tantas outras escolas em regiões carentes e com recursos limitados, a Dom Bosco sofreu com evasão escolar e baixo rendimento, e recebeu 3,6 no índice de desenvolvimento da educação básica (Ideb) de 2007. Bia assumiu a diretoria da escola em junho de 2008 e começou a revolucionar a educação na região.

Focando a proposta pedagógica de integrar a família com a instituição e oferecer atividades complementares no contraturno, a escola conseguiu o índice de 8,7 no Ideb de 2009, o maior avanço nas últimas três apurações do índice. Ao tirar as crianças das ruas, oferecer alimentação e conteúdos de forma divertida, a escola mostra como caminhar para uma maior qualidade no ensino.

Entre as atividades implantadas pela diretora e oferecidas pela escola estão os projetos: aula de reforço, compromisso de todos, onde pais e outros membros da comunidade auxiliam com reforço escolar e brincando se aprende, que oferece atividades lúdicas voltadas para a educação.

Perfil de Maria Teresa Eglér Mantoan

Garantir que estudantes com deficiência tenham acesso a todas as áreas de conhecimento. Essa é a luta de Maria Teresa Eglér Mantoan, pedagoga, mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Crítica convicta das chamadas escolas especiais, Maria Teresa defende, nas áreas de pesquisa, docência e extensão, o direito incondicional de todos os alunos à educação escolar de nível básico e superior de ensino.

Para a educadora, a escola inclusiva ensina alunos e professores a conviver com a diversidade. Mais do que garantir o acesso dos estudantes com deficiência, Maria Teresa busca uma sociedade mais justa. “Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças”, resume.

Natural de Campinas, é professora homenageada pelos formandos em pedagogia da Unicamp há três anos consecutivos. Acumula honorarias e títulos, entre os quais o Diploma de Mérito Educacional Professor Darcy Ribeiro, da Prefeitura Municipal de Campinas. Escritora atuante, é autora do livro *O desafio das diferenças na escola*, publicado em 2007 pela Editora Vozes.

Perfil de Marta Carneiro da Silva

Mais de 25% da população de Tabuleiro do Norte, no Ceará, é analfabeta. No município, com cerca de 29 mil habitantes, aproximadamente 1 mil pessoas, entre crianças e adultos, foram alfabetizados pela professora Marta Carneiro da Silva. Ela trabalhou como camelô e balconista para realizar o sonho de se formar professora.

Entretanto, o principal mérito da educadora está na alfabetização de jovens e adultos. Marta participou de todas as edições do programa Brasil Alfabetizado e desde 2003 luta para que os

moradores de Tabuleiro do Norte saibam ler e escrever. “Os jovens e adultos têm muita vergonha de ir à escola. Eles se sentem humilhados por não saberem ler”, relata. A solução encontrada pela professora é simples. “Busco meus alunos de porta em porta, se for preciso.” Com tanto empenho, Marta conseguiu índices mínimos de evasão, mesmo em condições sociais desfavoráveis.

Em 2005, a própria educadora realizou o sonho de se formar em Letras, pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Quando recebeu seu diploma, Marta já tinha alfabetizado cerca de 400 pessoas.

Perfil de Osana Santos Morais

Osana Santos Morais nasceu em Caxias, Maranhão, mas foi criada em Teresina, Piauí. Chegou à capital piauiense menina, com a família, e trabalhou vendendo temperos nas ruas. O dinheiro nem sempre era suficiente para alimentar a família. Apesar das dificuldades, nunca deixou de frequentar a escola e conseguiu ser aprovada nos vestibulares de letras e pedagogia.

Ao se graduar, entrou em contato com a Escola Municipal Casa Meio-Norte, na periferia de Teresina. Na primeira visita, se deparou com a precária situação comum a muitas escolas em localidades violentas, duas salas de aula mal equipadas e professores desmotivados, que abandonaram a escola. Ao assumir a diretoria, Osana estava sozinha.

Com a chegada de novos professores e a diretora de pedagogia, Ruthnéia Costa, mobilização dos pais e da comunidade, a realidade da Casa Meio-norte mudou. Boas práticas surgiram junto com uma nova proposta pedagógica, eliminando as provas e valendo-se de avaliações diárias. Uma ação de desarmamento junto às famílias e as crianças foi realizada com sucesso.

A nova abordagem pedagógica e uma gestão de recursos séria fizeram a escola e a professora se tornarem referência para a região e o trabalho realizado na Escola Meio-Norte ser reconhecido nacionalmente.

Perfil de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Garantir que a história e cultura africana e afro-brasileira esteja presente nas salas de aula. Esta é uma das contribuições que a pós-doutora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva trouxe para a educação do país. Ela foi relatora do parecer nº 3 de 2004, do Conselho Nacional da Educação (CNE), que estabeleceu diretrizes e colocou definitivamente a cultura negra dentro dos parâmetros curriculares brasileiros.

Gaúcha de Porto Alegre, a educadora se dedicou ao estudo de temas afro-brasileiros desde a sua graduação, em 1964. O título mais recente, de pós-doutora, foi obtido na Universidade da África do Sul, onde aprofundou as discussões sobre teoria da educação. Indicada por militantes da causa, a pesquisadora foi a primeira negra a ocupar uma vaga na Câmara de Educação Superior do CNE.

Apesar dos 46 anos de trabalho em prol da educação brasileira, Petronilha Beatriz se surpreendeu com a indicação para receber a medalha da Ordem Nacional do Mérito. “Muito surpresa, emocionada e feliz”, definiu a acadêmica, referindo-se à sua reação quando soube que receberia o prêmio.

Perfil de Rita de Cássia Faria Farret

Rita de Cássia Faria Farret é fluminense de São Gonçalo e tem mais de 50 anos de magistério, dedicados a educação fundamental. Um teste vocacional na adolescência confirmou sua facilidade para lidar com pessoas e ofereceu como opções: serviço social, direito e pedagogia. Rita seguiu os passos da mãe, Adalgisa Cabral de Faria, e escolheu o magistério. Em 18 de maio de 1960, essa opção a conduziu à Escola Paroquial Nossa Senhora de Fátima, no Barro Vermelho, em sua cidade natal. Um ano mais tarde, passou a lecionar no Externato Santa Terezinha do Menino Jesus, no centro da cidade, onde ficou até 1980. Lá a professora implantou a pré-escola.

Aprovada em concurso público estadual em 1962, lecionou em várias instituições. Entre elas, o Instituto de Educação Clécia Naci, onde, em 1966, Rita criou o movimento que originou a primeira turma de normalistas. Em sua trajetória, participou da formação de cursos supletivos para adultos e adolescentes, criou programas para angariar fundos para as escolas e ajudou na educação de portadores de deficiência.

Atualmente, é diretoria do Ciep Adão Pereira Nunes, unidade que oferece o ensino fundamental em período integral, ensino médio, aulas de reforço e atividades artísticas e esportivas. Rita trabalha

dentro do conceito de integrar comunidade e escola, oferecendo ensino de qualidade e ações pedagógicas e sociais.

Perfil de Ruthneia Vieira Lima Costa

De Teresina, no Piauí, para o mundo. A instituição dirigida pela professora Ruthneia Costa, a escola municipal Casa Meio Norte, localizada na periferia da cidade, foi apontada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) como exemplo de boa prática escolar. Quando foi fundada, em 2000, a escola tinha distorção idade-série de 54%. Em seis anos, por meio de turmas especiais de aceleração da aprendizagem, a escola conseguiu zerar esse índice.

Localizada em uma região de extrema pobreza e vulnerabilidade, a escola se destaca por ter índices educacionais de países desenvolvidos. Nos anos iniciais do ensino fundamental, o índice de desenvolvimento da educação básica (Ideb) é 6.6, enquanto a média nacional é de 4,6, numa escala que vai de zero a dez. “Desde 2002, não temos um só caso de evasão ou reprovação”, conta Ruthneia.

Exemplo dentro e fora do país, a escola foi capaz de impulsionar a qualidade de sua educação, mesmo em uma área de alto risco social.

(Assessoria de Comunicação Social)